



# Sumário

INTRODUÇÃO .....	9
1. A PRIMEIRA FASE DO CECAN (1971-1974) – O TEATRO FALANDO POR NÓS .....	17
A constituição do Centro de Cultura e Arte Negra ▪ 17	
O Coral Crioulo, o grupo teatral e o Cecan ▪ 22	
2. A SEGUNDA FASE DO CECAN (1976-1981) – A MULTIPLICIDADE DE EXPRESSÕES E A CONSCIÊNCIA ÉTNICA .....	31
A reorganização ▪ 31	
A atuação das equipes de trabalho ▪ 41	
O Movimento Negro Unificado (MNU) e o Cecan ▪ 48	
O <i>Jornegro</i> e a Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo (Feabesp) ▪ 56	
A educação: Manego ▪ 62	
A Feabesp e o Festival Comunitário Negro Zumbi (Feconezu) ▪ 66	
Cecan: outras atividades e o seu encerramento ▪ 70	

3. NEGRITUDE E IDENTIDADE NO CENTRO DE CULTURA E ARTE NEGRA .....	75
O Teatro Experimental do Negro (TEN) e o Cecan ▪	75
A transformação ▪	90
CONCLUSÃO .....	101
BIBLIOGRAFIA .....	103



## Introdução

Este livro<sup>1</sup> tem como objetivo analisar a trajetória do Centro de Cultura e Arte Negra (Cecan), organização que atuou na capital de São Paulo nas décadas de 1970 e meados de 1980. A análise está centrada em sua proposta de ação, baseada no tema negritude e identidade – ideia fundamental da organização ao longo de sua história.

Desde o período escravocrata, a população negra<sup>2</sup> brasileira tem criado associações, organizações e entidades – como são

---

1. Este livro é uma versão adaptada da tese de mestrado defendida em 1994 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), cujo título original era: *Centro de Cultura e Artes Negras – identidade e consciência étnica*.

2. Neste estudo, está implícita a ideia que “[...] se cientificamente ‘raça’ é um conceito pouco significativo, política e ideologicamente é muito significativo, pois funciona como uma categoria etnossemântica, isto é, política e econômico-social, de acordo com a estrutura de poder em cada sociedade multirracial” (Munanga, 1989, p. 24). Nesse sentido, ao conceito de negro é incorporado o de mestiço de negro e branco, seguindo a perspectiva adotada pelo movimento negro brasileiro.

comumente denominadas – que conduzem o movimento social dos negros na luta pelos mais diferentes objetivos políticos, econômicos, sociais e culturais. Essas organizações podem ser consideradas “consequência direta da confluência entre o movimento abolicionista, as sociedades de ajuda e de alforria e os agrupamentos culturais negros” (Gonzalez, 1982, p. 21). Assim, elas comporão o movimento social negro, e o Cegan faz parte desse tipo de articulação.

O movimento negro será considerado portador de peculiaridades que o diferenciam dos demais movimentos sociais e populares brasileiros. Além de lutar por melhores condições sociais, políticas e econômicas, esse movimento tem como especificidade a luta contra o racismo, a discriminação e o preconceito racial. Tal luta começou quando da chegada do africano escravizado ao território brasileiro. À época, este exercia ações isoladas ou coletivas contra o regime de servidão obrigatória, fosse deixando-se matar pelo rigor do trabalho, pelo “banzo”<sup>3</sup>, pelas fugas – muitas vezes sem resultado e sem nenhuma perspectiva –, fosse pelas ações organizadas para compor e manter os quilombos.

Em linhas gerais, a ação do movimento é direcionada à comunidade negra. Durante a escravidão, os libertos participavam da campanha abolicionista militando nas sociedades de ajuda, onde compravam a alforria de outros escravizados. Após a abolição, eles criam organizações que desenvolvem

---

3. De acordo com Borga (2004, p. 161), “banzo” significa “saudade da terra natal; nostalgia: *O negro Celestino até se divertia com aquele estranho banzo dos companheiros*”.

trabalhos voltados para o fortalecimento da identidade étnica e para a vivência dos valores africanos na diáspora. Outras organizações, ainda, atuam no desenvolvimento social e profissional.

De acordo com Moura (1982, p. 47), estudioso da história do negro brasileiro, este sempre foi um organizador:

Durante o período no qual perdurou o regime escravocrata e no pós-abolição, mesmo nesse período de marginalização, ele se manteve organizado, com organizações esporádicas, frágeis e um tanto desarticuladas, mas sempre constantes. A organização de quilombos, de confrarias religiosas, irmandades, dos cantos na Bahia, dos grupos religiosos afro-brasileiros como o candomblé, terreiros de xangô e mesmo a umbanda, mais recentemente, são exemplos significativos. Com isso, ele procurava obter a alforria, minorar a sua condição de oprimido e, posteriormente, fugir à situação de marginalização que lhe foi imposta após o 13 de maio.

Moura (*ibidem*) afirma que essa tendência organizativa não surge por acaso:

[...] são grupos que se identificam [...] por uma marca que a sociedade lhes impõe e, ao invés de procurar fugir dessa marca, transformam-na em herança positiva, organizam-se através de um *ethos* criado a partir da tomada de consciência da diferença que as camadas privilegiadas em uma sociedade etnicamente diferenciada estabeleceram.

O Centro de Cultura e Arte Negra é parte desta resistência histórica e uma das entidades que compunham o movimento negro dos anos 1970 e 1980, época em que as associações negras tinham um trabalho muito voltado para a recreação, o lazer e a formação profissional. O Cecan foi uma das primeiras organizações negras, na capital de São Paulo, a trabalhar a ideia da negritude – isto é, a importância da consciência étnica –, afirmando a necessidade de que a redescoberta do negro, com base na recuperação do domínio cultural e histórico, faça-se cada vez mais sob a égide da identidade.

A partir de 1977, foi uma das poucas entidades com essas características a ter uma sede social e a oferecer um espaço no qual os negros de São Paulo se encontravam. Maria Lúcia da Silva, tesoureira do Cecan, afirmou em entrevista<sup>4</sup> que “todas as discussões acerca do movimento negro ocorriam no interior do Cecan. O centro era referência para todos os negros que viessem de outras cidades tanto do interior de São Paulo como de outros estados brasileiros”.

Ao arrolar os grupos negros dos anos 1970, Moura (1982, p. 71) cita o Cecan como “uma entidade que nasceu voltada para a África, como uma nova pátria, na base da diáspora negra e como a que congregou em seu corpo social não apenas intelectuais, mas muitos negros de baixa renda”. Entre os fatos que influenciaram a criação do Cecan, Gonzalez (1982, p. 30-1) aponta “os acontecimentos internacionais: a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos e as guerras de libertação dos povos negros africanos de língua portuguesa, influenciando os ne-

---

4. Entrevista realizada em 27 de agosto de 1990.

gros paulistas [...] Nesse sentido, tem-se a retomada do teatro negro pelo Cecan em São Paulo”.

Assim, o Cecan atuou pela criação de uma identidade étnica, recuperando os valores culturais do povo negro por meio da mobilização e, simultaneamente, do resgate da história e da cultura incorporando, em ambos, os elementos de luta e resistência. Além disso, no início, o Cecan buscava sensibilizar o branco para a situação social, econômica e política do negro na sociedade brasileira, assim como denunciar o racismo e a falsa democracia racial. Depois, a associação voltou-se exclusivamente para a comunidade negra.

Este livro parte da hipótese de que o Cecan esteve vinculado, originalmente, ao Teatro Experimental do Negro (TEN), tendo sofrido transformações, no decorrer de sua existência, tanto em seus instrumentos de atuação quanto em sua proposta de ação. Assim, a obra reflete sobre os limites e as possibilidades da proposta do Cecan, supondo que organizações como essa fazem avançar o movimento negro. Para fins didáticos, a história do Cecan será categorizada em dois momentos distintos: o primeiro, de sua fundação, em 1971, até 1974, teve como atividade única um grupo teatral; o segundo, de 1976 a 1981, consegue levar a cabo a ideia de ser um centro com diversos tipos de atividade.

Aqui, a negritude é trabalhada como um conjunto de ideias que se contrapõem à ideologia racial brasileira, com ênfase na afirmação e na reabilitação de uma identidade étnica.

A questão da identidade étnica, um dos elementos fundamentais da negritude, tem por base a concepção de Manuela Carneiro da Cunha, que considera tal identidade como possui-

dora de um conteúdo político – no sentido de núcleos de manutenção ou mudança cultural do próprio grupo – e de resistência. Ela considera, também, que toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, como uma diferença e “uma resposta política a uma conjuntura” (1985, p. 206). Aqui, essa temática terá como parâmetro a produção conceitual e teórica de Kabengele Munanga, que vem contribuindo sobremaneira para o debate da questão.

Por não haver estudos detalhados sobre o Cecan, mas apenas trabalhos que apontam sua existência, a pesquisa foi realizada em documentos da própria organização: atas, relatórios de reuniões de equipes de trabalho e de coordenações, regimento interno, relatórios de avaliações; jornal *Jornegro* (órgão de divulgação do Cecan e da Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo); correspondências recebidas de indivíduos e associações negros; panfletos e folhetos de atividades realizadas. Além desses documentos, foram pesquisados os depoimentos dos seus fundadores e de alguns participantes.

No Capítulo 1, destacamos a primeira fase do Cecan: a origem da entidade, sua proposta de ação, a maneira pela qual o teatro foi utilizado como instrumento de conscientização étnica e de denúncia contra o racismo e o encerramento da atividade teatral.

No Capítulo 2, enfatizamos a segunda fase do Cecan, na qual a organização continuou com uma das propostas iniciais – conscientização do negro para seus valores culturais e históricos, no intuito de fazer brotar uma identidade étnica e racial –, ampliou seus instrumentos de ação e incorporou ati-

vidades educacionais (cursos de inglês, madureza, alfabetização etc.) e eventos diversos. Além disso, participou da fundação do *Jornegro*, assumindo posteriormente a direção deste veículo e da Federação de Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo (Feabesp), promoveu várias atividades culturais – como simpósios, palestras, debates, exposições de arte –, organizou uma biblioteca e propiciou condições para a criação de outros grupos negros. Houve, também, modificação em seu estatuto social, que passou a incluir como finalidade, além da promoção de atividades de caráter cultural, recreativo e desportivo, a pesquisa, a promoção e a defesa da cultura negra. Nesse momento, é marcante sua proposta voltada inteiramente para a comunidade negra. O segundo capítulo também aponta as divergências e cisões no interior da organização.

O Capítulo 3 analisa a proposta de ação do Cegan, bem como sua suposta vinculação ao Teatro Experimental do Negro (TEN) e posterior transformação. Inicialmente, seu instrumento de atuação foi o teatro. Nessa segunda fase, esse instrumento se amplia e negritude e identidade emergem como vertentes ideológicas em conflito. Com base nessa dinâmica na trajetória organizacional refletimos sobre o significado do movimento para a comunidade negra e as razões do seu encerramento.

Na conclusão, são apontados os limites das organizações com propostas restritas ao aspecto etnorracial.



# **1. A primeira fase do Cecan (1971-1974): o teatro falando por nós**

## **A CONSTITUIÇÃO DO CENTRO DE CULTURA E ARTE NEGRA**

O Cecan surgiu em 1971, em São Paulo, quando o país experimentava um momento de convulsões em decorrência da ditadura militar instituída em 1964. Estávamos no governo Médici, na fase pós AI-5, marcada por forte repressão: desmantelamento do espaço político, início de uma ação mais violenta contra a guerrilha urbana e censura a todos os meios de comunicação.

A idealizadora e fundadora do Cecan, Thereza Santos, veio do Rio de Janeiro para São Paulo, no final de 1969, fugindo da repressão política. Ex-militante da Juventude Comunista e do movimento estudantil, tendo também atuado nos Círculos Populares de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), Thereza vivenciou o clima de efervescência social e cultural que invadiu a sociedade brasileira nas décadas de 1960 e 1970. Naquele momento, o Brasil vivia